

As questões feministas não são questões lésbicas¹ (Monique Wittig)

Até pouco tempo, poderíamos crer que as questões lésbicas fossem questões feministas, assim como poderíamos crer que as feministas seriam capazes de []². Nós somos todas lésbicas da mesma forma que elas nos afirmaram que éramos todas judeus alemães, da mesma forma que nós, lésbicas, [teríamos assinado] o manifesto no qual declararíamos ter abortado. Mas [isso não é nada]. Se uma quantidade massiva de lésbicas sempre manifestaram uma total solidariedade às feministas, ao se mobilizarem principalmente sobre seus problemas, não ocorreu o mesmo das feministas em relação às lésbicas. Elas não apenas não se interessam por aquilo que lésbicas poderiam fazer, como na maior parte do tempo elas simplesmente ignoraram sua existência, ao repreendê-las por se considerarem a elite do feminismo, enquanto elas estavam nos mesmos []. Frequentemente elas também têm impedido as lésbicas de se constituírem em grupo, ao negar-lhes esse direito enquanto havia grupos de costura ou de tricô no "movimento". Agora, elas tentam nos [impedir] de nos definir em nossos termos, sob o pretexto de que isso não concerne ao feminismo. Digamos-lhe, portanto, que o lesbianismo não tem nada a ver com o feminismo. Hoje, [existe] a questão de definir uma linha rígida do feminismo enquanto heterofeminismo. É um dos inúmeros ataques contra as lésbicas - cuja história nasceu de forma estranhamente purificada e silenciada.

Isso se traduz praticamente em um tipo de batismo bastante comum em nossos meios intelectuais: a apropriação de um meio material e ideológico em um produto. A tomada de poder filosófico e ideológico [] tem por objetivo excluir o lesbianismo da teoria feminista. O resultado prático: a exclusão de cinco lésbicas [por] duas heterofeministas de uma revista a qual as sete [produziam] coletivamente. Entretanto, essas duas heterofeministas (apesar de "homossexuais") reinvidicam-se as salvadoras da "linha" da revista. Uma "linha" tão justa que duas heterofeministas têm poder de colocar cinco lésbicas como minoria. E assim nós lésbicas somos proibidas de visar à universalidade de um ponto de vista teórico, ao qual nós temos direito assim como qualquer outra feminista.

Elas nos separam ao nos batizar como separatistas. Elas nos reenviam a uma particularidade de ordem "sexual". Enquanto isso, como enfatiza Joan Nestle, nós deixamos as feministas "trivializarem" nossas relações, fazerem comentários os mais desagradáveis sobre

¹ O título em francês, *Les questions féministes ne sont pas des questions lesbiennes*, faz alusão ao título de uma revista feminista, *Questions Féministes*, da qual a autora, Monique Wittig, fora expulsa devido a seu posicionamento teórico (N. da T.)

² O texto original apresenta alguns problemas na leitura. Quando a palavra não pôde ser compreendida nem inferida, recorreu-se ao traço entre colchetes []. Nos casos em que pôde se inferir a palavra ou expressão utilizada pela autora, utilizou-se a provável tradução entre colchetes.

tudo aquilo que não fossem os relacionamentos lésbicos "dentro do movimento" ou "anteriores ao movimento". Pois é, provavelmente as questões feministas não são questões lésbicas. O lesbianismo dá com a cara na porta do feminismo. Já que é a enésima vez, coloquemos algumas questões lésbicas, algumas questões sobre os termos.

1) Feminismo: Palavra incômoda não por causa das sufragistas (não), mas por causa da "mulher" em torno do qual ele é batizado. E de fato ao longo de toda a história feminista ouvimos no "feminismo" a "defesa da mulher" tão fortemente quanto "luta das mulheres". Isso resulta frequentemente em: nós mulheres defendemos a mulher, os valores femininos etc. "Feminismo", para mim, é suspeito. As lésbicas são as *marrones*³ (1) e não podem em nenhum caso se definir como mulheres no singular (como em "a mulher"), isso seria um erro sociológico imbecil. Logo, como ainda diz Joan Nestle, por que haveríamos necessidade do pequeno apêndice "feminista" como em "lésbica feminista"? Não é suficiente sermos lésbicas? E o "feministas" de "lésbicas feministas" não constituem o pequeno signo de submissão ao heterossexualismo por deixar passar - pacificado - o estrondoso "lésbicas"? A palavra "lésbicas", utilizada sozinha, dá medo, é uma palavra muito nua e muito terrível, é necessário vesti-la. Pois é, para mim, a palavra sozinha já basta. Não vou adicionar a ela nem mesmo o decente "radicais".

2) Patriarcado : ainda uma outra palavra que me incomoda depois de tanto tempo: conceito que pretende se referir a nada mais que uma exploração. Supõe que existam os pais e portanto as mães, um poder dos pais sobre as mães. Escamoteia o fato de que a produção está longe de ser natural⁴. Escamoteia a heterossexualização, a heterossexualidade como sistema de dominação⁵. O fato de as mulheres serem primeiramente, e antes de tudo, (e apenas) definidas como mães e forçadas a sê-lo. "Patriarcado" supõe uma ordem natural. Por trás de "patriarcado" há "matriarcado", uma outra ordem supostamente natural. Pois no espírito da maioria das pessoas, só podemos estar em um ou em outro sistema. Mas o matriarcado não é menos heterossexual do que o patriarcado. Ambos dividem o mundo em dois sexos, ambos são incapazes de conceber as mulheres fora do papel de mães: no "patriarcado" é um papel considerado negativo, e no "matriarcado" como positivo, mas ainda assim é um papel imposto tanto em um quanto no outro.

3) As "outras" mulheres, as "heterossexuais"; ou dito de outra forma, aquelas que não estão "no movimento": não existem mulheres

³ Grifo da tradução

⁴ Grifos da autora

⁵ Wittig se equivoca ao argumentar que o feminismo não analisa a heterossexualidade como sistema de dominação. Esta análise já havia sido feita por Christine Delphy, em sua obra *L'ennemi principal* (tradução em inglês: *The main enemy*). Obra sem tradução completa para o português. (N. da T.)

heterossexuais, mas mulheres oprimidas. Apenas os homens podem ser heterossexuais [sexualidade ____ dominantes]. "Mulher hetero", eis um termo o qual eu jamais usei e que me causa horror. Entretanto sou sempre acusada das piores infâmias quando cara a cara com estas pobres mulheres "heteros", as quais eu nem mesmo creio existir. "Mulher hetero", expressão que já quer dizer colaboradora (então todas a utilizam, umas e as outras). "Mulher hetero" é como quando dizem a uma lésbica que ela não passa de um "cara". Pois bem, mas são nossas boas amigas feministas que têm essa palavra na ponta da língua. Segundo pensam, todas as "outras" mulheres são "heteros" (na verdade nunca as ouvi expressar seu medo de assustar as lésbicas que não estão "no movimento"). Mas dado que hetero quer dizer "outro", fecha-se o cerco⁶. Contudo, há de fato mulheres que não estão "no movimento" (traduzindo: que não estão na política). Quando moramos em uma comunidade rural, são essas as pessoas as quais encontramos. Quando elas não são lésbicas, elas mostram o maior respeito e interesse, a maior atenção àquelas que o são, e o melhor, elas nos protegem dos homens. Elas têm reconhecimento por sermos assumidas (e por isso nos protegem), pois nós somos sua última [] e esperança. Da mesma forma que elas nos protegem, nós as protegemos, é uma troca. Algumas viram lésbicas, e ainda é necessário que nós estejamos lá: não é uma piada obscena, o negócio é muito grave. Uma outra importante observação que posso fazer a este tema é que jamais encontrei aquele [] famoso medo como em: vocês vão dar medo às "outras" mulheres. (Traduzindo: vocês nos dão medo). E se quisermos estabelecer qualquer reflexão, dado que na experiência de uma mulher pode haver: abortos, mutilações, estupro, espancamentos e feridas, mortes, venda, abuso mental, retirada de seus filhos (e paro por aqui), não se vê bem o que pode "dar medo" no fato de ser lésbica. Ao contrário, o que se vê é algo leve e prazeroso. Vivem então as "outras" mulheres.

4) Heterofeminista: conceito que teve sua primeira aparição na ex-Questions Féministes n.7, em um artigo de Mano de Lesseos intitulado "Feminismo e heterossexualidade", escrito em resposta ao "Pensamento hetero", de Monique Wittig. O primeiro sentido dessa palavra, ou de toda forma seu sentido prático, é: feminista (pode ser uma homossexual) que, devido ao medo ou interesse, rejeita o lesbianismo como teoria, como política, e como prática a exclui do feminismo, afirmando assim a linha heterossexual ("heterofeminismo": soa estranho aos ouvidos). Uma heterofeminista define-se tão somente por excluir lésbicas do feminismo. E portanto o senso teórico desse termo (em face das lésbicas que querem destruí-

⁶ A expressão em francês, *le tour est bouclé*, aponta informalmente para um sentido próximo a "fechar em um nó", o que traz consigo tanto a questão de ser um pensamento circular, sem saída, quanto para a questão do silenciamento. Para a tradução optou-se por "fechar o cerco" numa tentativa de aproximação com o sentido da expressão original. (N. da T.)

lo): uma feminista que milita pela heterossexualidade. O que isso quer dizer? Uma feminista que milita pela "sexualidade" a qual força milhões de mulheres a produzir crianças as quais serão roubadas; que as viola sexualmente, que as mutila sexualmente, que as vende sexualmente, que as assassina sexualmente? Mas de jeito nenhum: esqueçamo-nos, minhas irmãs, esqueçamos essas horríveis catástrofes. Não é por esse nome pelo qual as "heterofeministas" se definem atualmente; não há nada a ver com opressão, pois se trata do: Desejo: esse clichê⁷ para o qual nenhuma delas se esquece de apelar com toda a pressa para escapar de sua responsabilidade. Não faz muito tempo havia o "prazer feminino" (ou ainda: como é bom, minhas irmãs, abrir as pernas ao opressor). O "desejo heterossexual feminino" das feministas é farinha do mesmo saco (porém não tão explícito). O que não está claro é como que pode haver uma refinada essência "desejo heterossexual feminino" (a menos que seja biológica essa coisa) que viria flutuar na paisagem para embalsamar, longe, bem longe das categorias políticas e das classes sexuais aquilo que supostamente deveríamos destruir. Um instante. Não é mais essa a questão entre as feministas agora. É necessário para a nova moda (linha) feminista (a mais radical de todas) destruir o patriarcado sem tocar na heterossexualidade. Não existem já as feministas (a nata das heteros) que, na cama com os homens, gozam de privilégios? Por isso, têm elas necessidade de destruir a heterossexualidade? Idiot... Elas a reforçam⁸ através de sua garantia feminista. É muito elegante. Destruir os sexos? Destruir a classe dos homens? Mas com quem iriam elas para a cama? Pois elas têm essa concepção ingênua: sem sexos, sem cama. O mesmo que dizer sem opressores, sem cama (como disse Kate Millet na Marcha de Washington: não esqueçamos quando marchamos de dia na rua por nos manifest[armos] [contra] aquilo que nós fazemos à noite na cama).

Monique Wittig

(1) Historicamente escravo, negro. Marrom, escravo fugido refugiado em um local pouco acessível.

Léxico das Antilhas. Alteração da América Hispânica: "Cimarron": escravo fugitivo. Dicionário Hachette da língua francesa, 196[...]⁹

⁷ Em francês, "tarte à la creme" ("torta de creme") é uma expressão para designar um lugar-comum, um clichê. A frase no original trabalha com a imagem de escorregar nessa "torta": "cette tarte à la crème sur laquelle chacune ne manque pas de dérapier (...)", que literalmente seria "essa torta de creme na qual nenhuma [das "heterofeministas"] se esquece de escorregar (...)". (N. da T.)

⁸ No original, há o uso do léxico "réenforcer", não encontrável nos dicionários. Para facilitar a leitura, optou-se por traduzi-lo como "reforçar" (cujo correspondente em francês seria simplesmente "renforcer"). O "réenforcer" pode ser visto como um neologismo para sublinhar a gravidade da ação das chamadas "heterofeministas" com relação às outras mulheres, segundo a linha argumentativa da autora. (N. da T.)

⁹ (N. da A.)